

Episódio 2 – Heróstrato na Serra Algarvia

[som ambiente no interior de um carro]

Manuel Bivar: Esquerda... Então, mas isto é onde a gente [...]

Sofia da Palma Rodrigues: Sempre para a esquerda, aqui é à esquerda. Aqui, à esquerda.

Manuel Bivar: Não! Não é isto. É aqui, isto foi onde nós viemos. Esquerda. Sempre para a esquerda.

Sofia da Palma Rodrigues: Não, aí não é. Não me lembro nada desta estrada tão direitinha.

Manuel Bivar: Pois... E este terreno... Olha, é isto! É isto! Aqui estão as ovelhas. Olha.

Sofia da Palma Rodrigues: Ai, tanta ovelha!

Manuel Bivar: Ah, ok, ok, é isto. É isto. [pausa] ‘Tá ali o senhor.

Sofia da Palma Rodrigues: ‘Tá ali.

Manuel Bivar: Boa noite.

Sofia da Palma Rodrigues: Boa noite.

Manuel Bivar: Prazer, Manuel.

Sofia da Palma Rodrigues: Eu sou a Sofia, boa noite. Nós somos jornalistas. Estamos a fazer um trabalho sobre incêndios em Portugal, e sobre pessoas que costumam... que põem fogo. E o objectivo é tentar perceber porque é que se faz isso, o que é que está à volta do fogo.

G: Pois...

Manuel Bivar: Nós, no fundo, queríamos perceber um pouco a sua história, não é, porque vimos... Nós fizemos assim: nós fomos aos processos todos de fogo que houve aqui no Algarve e estamos a falar com toda a gente que esteve nesses processos, e estamos a perguntar às pessoas o que é que lhes deu para porem fogo. É um pouco essa... a nossa curiosidade, não é.

G: Pois.

Manuel Bivar: Que é um pouco as pessoas explicarem, naquele momento, o que é que elas pensaram. O que é que...

G: Eu não sei o geral, falo por mim, que ‘tive envolvido em vários casos e... a influência do álcool foi o que me... Depois disso acontecer, eu próprio perguntava “porquê?”.

Sofia da Palma Rodrigues: Neste segundo episódio de “País de Incendiários” baixamos a sul, à Serra Algarvia, que tantas vezes é notícia por arder. No Algarve,

País de Incendiários

Um podcast de investigação
da revista Divergente

ouvimos pessoas acusadas de pôr fogo, as primeiras que conseguimos entrevistar. E se ao princípio íamos com receio de que ninguém quisesse falar por este ser um tema sensível, não foi nada disso o que aconteceu. Bem pelo contrário. Parecia que as pessoas estavam desejosas de falar. É pelo Algarve, e à volta dessas conversas, que vamos andar neste episódio.

[jingle]

Sofia da Palma Rodrigues: Eu sou a Sofia da Palma Rodrigues.

Manuel Bivar: Eu sou o Manuel Bivar.

Sofia da Palma Rodrigues: E este é “**País de Incendiários**”, um podcast de investigação da revista DIVERGENTE.

[continuação do jingle]

Sofia da Palma Rodrigues: Segundo episódio: “**Heróstrato na Serra Algarvia**”.

[fim do jingle]

[som ambiente no interior de um café]

Manuel Bivar: “Houve dificuldades na aceitação das rupturas conjugais. Com experiência de consumo de álcool desde os sete anos, mantém padrão de consumo regular desde os 14 anos e de forma imoderada desde os 20 anos. Até ser internado na clínica, nunca fez qualquer tratamento de alcoologia, nunca assumindo o consumo excessivo de álcool como um problema.” Ah... “Na sequência do AVC mencionado, o arguido sofreu uma precarização da sua situação económica e passou a ser alvo de violência por parte do irmão.”

Sofia da Palma Rodrigues: Estou a ouvir, estou a ouvir.

Manuel Bivar: “Frequentou a escola dos 6 aos 16 anos num registo de acentuado desinteresse e insucesso, após o abandono escolar iniciou o percurso profissional como bate-chapa, numa oficina de automóveis. O arguido é primário, o arguido é primário.”

Sofia da Palma Rodrigues: Meu Deus, isto é uma história de desgraça.

Manuel Bivar: De desgraça!

Manuel Bivar: Num dia do final do Inverno de 2023, fomos parar a uma pequena vila do barrocal algarvio. Nem praia, nem serra, nem aquele turismo desenfreado da costa. Tínhamos chegado à história de António, nome fictício, depois de passar vários dias no Tribunal de Faro a ler processos de pessoas condenadas pelo crime de incêndio florestal. António, hoje com mais de 50 anos, foi acusado de pôr quatro pequenos fogos num terreno em frente da casa. Queimou 80 metros quadrados, e depois da prisão preventiva e do julgamento, foi condenado a fazer uma

desintoxicação de álcool. No processo, havia fotografias do local do incêndio e da casa de António, onde tínhamos ido bater à porta.

Irmão de António: Eu sou irmão dele.

Sofia da Palma Rodrigues: Ah...

Manuel Bivar: Ele não está?

Irmão de António: Não, está lá em cima no lar.

Manuel Bivar: Ele não estava. Passava as manhãs num centro de dia. Tinham-nos dito que tentássemos mais tarde. E enquanto esperávamos que voltasse, fomos para um café reler o processo e percebemos que o último lugar onde António trabalhara era uma oficina de bate-chapas que ficava mesmo ao lado de onde estávamos.

[som de motor a funcionar]

Sofia da Palma Rodrigues: E como trabalhador, ele era um bom trabalhador?

B: Sim, era um bom trabalhador, mas ultimamente ele dedicou-se um pouco à bebida, dedicou-se à bebida, depois foi embora, e depois teve um AVC. A seguir a esse AVC é que ele contribuiu para o pior.

Manuel Bivar: Na oficina, encontrámos o antigo patrão de António. Parecia não lhe guardar rancor, apesar de este ter puxado fogo a um terreno mesmo ao lado do local onde trabalhava.

Manuel Bivar: Ele antes disso não punha fogo, antes do AVC?

B: Não, não, antes não.

Manuel Bivar: Nunca tinha posto fogo?

B: Não tinha pegado fogo a isto. A doença dele é psicológica e uma vez não pegou mais porque eu tinha... tinha ali um extintor lá em casa, aquilo era um dia de Verão com muito calor, a arder ali ao pé de casa, e então tinha ali um extintor e peguei no extintor e aquilo trabalhou. E então pego no extintor e apaguei aquilo, senão aquilo pegava ali por ali acima, ardia até que calhasse. Já era recorrente. Ele quando deu fogo àquela parte diz que gostava de ver os bombeiros virem para ali. E depois pronto, ele meteu fogo lá duas vezes àquilo e uma das vezes foi aquela vez que eu apaguei com o extintor, depois vieram os bombeiros apagar aquilo – as brasas que estavam ali à roda –, mas a coisa foi muito razoável e correu tudo no melhor possível.

Manuel Bivar: E ele dizia isso a toda a gente?

B: Dizia, dizia, ele dizia que gostava de ver os bombeiros ali, a fazerem aquele trabalho. Eram essas coisas que ele falava e dizia. Eu para mim essa história, é uma história um bocado assim...

Sofia da Palma Rodrigues: Vidas complicadas...

B: Complicadas, eu para mim aquilo é vidas destruídas.

Manuel Bivar: Ao ler vários processos de tribunal de seguida, era impossível não notar que as histórias se repetiam. E como nos disse o antigo patrão de António: vidas destruídas, muitas vezes marcadas por um acidente ou uma sucessão de infortúnios, que acabam no fogo. E quase sempre, com muito álcool à mistura.

[som de passos e suspiro]

Manuel Bivar: Quando saímos da oficina, já passava das quatro da tarde e decidimos voltar a bater à porta de António. Com algum temor de não ser bem recebidos, e cheios de justificações preparadas sobre o motivo que ali nos trazia.

Sofia da Palma Rodrigues: Então, não sei se tinha uns minutos para falar connosco.

António (nome fictício): Sim, podemos falar.

Sofia da Palma Rodrigues: Se poderíamos conversar.

Manuel Bivar: Não foi preciso grande persuasão da nossa parte porque imediatamente António aceitou falar e mandou-nos entrar numa cozinha onde nos sentámos à volta da mesa. Parecia estar à espera de alguém que viesse ouvir a sua história.

Sofia da Palma Rodrigues: Está-se sempre a falar dos incendiários isto e aquilo, mas nunca ninguém vai falar com as pessoas que põem fogo...

António (nome fictício): Pois...

Sofia da Palma Rodrigues: e tentar perceber porquê. E é por isso que nós estamos aqui. Para tentar perceber porquê. O que é que o motivou a pôr fogo aqui neste terreno.

Manuel Bivar: E sem nenhuma hesitação, António respondeu-nos à pergunta:

António (nome fictício): Aquilo foi praticamente um acto de vingança.

Sofia da Palma Rodrigues: Vingança?

António (nome fictício): Foi. Porque, antigamente, o dono daquilo não semeava, e o meu pai é que pediu para semear aquilo e então lavrou aquilo com o burro. Ele apanhou o terreno lavrado e nunca mais deixou o meu pai semear favas ali.

Manuel Bivar: E o seu pai ficou com raiva dele?

António (nome fictício): Com raiva, claro.

Manuel Bivar: E porque é que esperou tanto tempo para fazer o...?

António (nome fictício): Olhe, veio-me à ideia, naquele dia.

Manuel Bivar: Hum... E depois de queimar aquilo, já se libertou disso? 'Tá vingado, 'tá vingado? Ou ainda lhe faz impressão aquela gente ali?

António (nome fictício): Não, agora já não. Já passou, passou.

Manuel Bivar: E nesse dia queimou e depois veio para aqui, ou...?

António (nome fictício): Vim para casa, ouvir o pasto a arder. Fssss... A sensação era boa, de ouvir.

Manuel Bivar: E aí pensava no quê?

António (nome fictício): Que tinha conseguido. Isto era tipo uma promessa, tinha conseguido [fazer] o que sempre quis fazer. O acto de vingança.

Sofia da Palma Rodrigues: Não tinha medo de ser preso, então?

António (nome fictício): Não.

Sofia da Palma Rodrigues: Quando o levaram, pensou “entrego-me”.

António (nome fictício): É isso. Façam o que queiram. [pausa]

E no outro dia veio um agente da Judiciária...

Manuel Bivar: E a conversa com António prosseguiu ainda por bastante tempo. Falámos da vida passada, de quando foi à Holanda fazer formação. Do trabalho como bate-chapas de que gostava tanto. Da prisão, do julgamento, do tratamento para o álcool, das separações, mas sobretudo do AVC.

Manuel Bivar: E quando teve o AVC, o que é que mudou na sua vida?

António (nome fictício): Mudou tudo. [pausa] Ainda ‘tive lá muito tempo no hospital em Faro. As paragens cardiorrespiratórias que eu tive foram algumas dez ou quinze seguidas. E estou vivo, não sei, graças a Deus.

Sofia da Palma Rodrigues: E teve que mudar a vida completamente?

António (nome fictício): Completamente diferente. Uma pessoa vai-se acostumando.

Sofia da Palma Rodrigues: Já vai para dez anos, não é, que teve o AVC?

António (nome fictício): Faz dez, tinha 44, tenho 54.

Sofia da Palma Rodrigues: Era muito jovem.

António (nome fictício): Mas tem dado a muita gente nova, mesmo nova. E não sabem do que é.

Manuel Bivar: Mais alguma coisa que queira dizer sobre o fogo?

António (nome fictício): Não tenho nada a acrescentar.

[banda sonora]

Manuel Bivar: E depois de falarmos com António naquela vila do barrocal com a terra muito vermelha e grandes pedregulhos de calcário, subimos para a serra, e a paisagem começou a mudar. Os cabeços redondos, os relevos típicos do xisto, os barrancos, a esteva. Os sobreiros queimados, e os medronheiros de folha muito verde e brilhante, que são sempre os primeiros a rebentar depois do fogo. Estávamos no Caldeirão. As aldeias cada vez mais dispersas. E pelas estradas, uma ou outra venda e café... E histórias sobre fogo e água.

[som ambiente no interior de um café]

Sofia da Palma Rodrigues: Queres o quê? Queres um cafezinho?

Manuel Bivar: Café, não.

Sofia da Palma Rodrigues: Um medronho? O medronho aqui é o melhor medronho que vais beber na tua vida.

Manuel Bivar: Eu já bebi, eu já bebi.

Sofia da Palma Rodrigues: Então pronto. [risos] Eu vou-me sentar aqui com vocês.

Manuel Bivar: Queres um medronho? Queres um medronho?

Sofia da Palma Rodrigues: Quero um medronho.

Manuel Bivar: Eram dois medronhos. Pequeninos.

C: Quer assim desse tamanho ou assim dos outros?

Manuel Bivar: Assim está bom.

Sofia da Palma Rodrigues: Pequenino, pequenino, senão a gente vai de rojo.

Manuel Bivar: Assim está bom, que ainda vamos trabalhar.

D: A ribeira mal correu aí um bocadito, não chegou a encher nem a metade do que devia de encher.

Sofia da Palma Rodrigues: Pois, pois.

D: Para que os nascentes fiquem fortes, não é? Pode ser que venha mais ainda.

E: Pode-se fazer um incêndio sem querer.

D: A gente não sabe quem é que está a mandar nisso. [risos]

Manuel Bivar: Quem é que está a mandar nisso, também não sei. Também não sei quem é que manda nisso.

Sofia da Palma Rodrigues: [risos]

D: A gente não sabe quem é que está a mandar nisso. [risos]

E: Andou tirando cortiça para mim, aquilo tudo, pronto era amigo, e depois foi-me fazer um incêndio no meu terreno.

Sofia da Palma Rodrigues: E porquê?

E: Aquilo armou lá uns laços para caçar uns porcos – uns javalis – e depois houve alguém que foi lá e tirou os laços e [...] de raiva puxou fogo. E depois a Judiciária disse assim: “Olhe, a gente já o investigámos, não temos dúvidas nenhuma que foi ele que botou o fogo, agora está no seu parecer. Se você

quer que a gente o leve, a gente leva”. E eu disse: “Não façam isso”. Mas eu disse-lhe a ele, fui ter com ele e disse: “Olha, escuta, ouve bem o que eu te digo, eles vieram aqui para te vir buscar, só não te levaram porque eu não deixei, mas tem cuidado não te aconteça outra, olha que eles não te davam beijos, não”.

Sofia da Palma Rodrigues: Ah, pois.

E: Não levavas beijinhos... Ele agradeceu-me muito.

D: Se fossem maltratados às vezes tinham mais medo.

E: O cabrão sabia o que tinha feito.

D: Só que eles vão lá, mandam-nos para casa.

[banda sonora]

Manuel Bivar: Por todas as vendas e cafés onde parávamos havia histórias de fogo. Toda a gente conhecia um incendiário ou alguém a quem tinham queimado os terrenos. Na Serra do Caldeirão, notava-se uma paisagem abandonada. Cheia de estevas a pingar óleo e prontas a arder. E em alguns lugares, intermináveis plantações de pinheiro-manso. É difícil olhar para aqueles montes sem que venha ao pensamento que caindo ali uma chispa, seja por que motivo for, a terra vira um braseiro.

Manuel Bivar: Ai, ali havia galo com batata.

Sofia da Palma Rodrigues: Ai meu Deus.

Manuel Bivar: O que a gente foi fazer.

Olha, é este sítio aqui das ovelhas. Ele disse que era assim um sítio com uns animais, deve ser este. Olha, exactamente, é este.

Sofia da Palma Rodrigues: Porque é assim, isto é tudo uma incógnita, não é... Podemos chegar ali...

Manuel Bivar: Fechaste isso?

Sofia da Palma Rodrigues: Não, desculpa.

Olha este cãozinho, tem ar de quem pode morderzinho. [cão ladra] Ui, Manel, Manel...

Manuel Bivar: Então, mas temos que... Anda lá!

Sofia da Palma Rodrigues: Oh Manel, não vou.

Manuel Bivar: Queres ir parar o carro ali à frente?

Sofia da Palma Rodrigues: Sim. Esse cão vai-nos morder.

Manuel Bivar: Não vai nada, o cão é manso.

[som de portas de carro a fechar]

Manuel Bivar: Boa tarde.

F: Diga-me coisas.

Sofia da Palma Rodrigues: Boa tarde, então nós somos jornalistas [...]

Manuel Bivar: A pessoa que procurávamos não estava. Passava o dia na serra a tratar de um rebanho de ovelhas e só à hora do jantar voltava a casa. Mas encontrámos o irmão, que entre risos e drama, nos contou como a vida pode dar voltas.

F: Ainda não havia a história do fogo, segundo o bocadinho que eu... Ele tem uma casa dele, só que está em ruínas e eu fiz aí um quartinho. Como é que se diz? Só para não o deixar...

Manuel Bivar: Para aí, não é?

F: Pois, para não o deixar ao abandono. E lá está, ele até um fogo que houve na própria casa dele, eu acho que já foi ele que... Só que é assim, acho que já foi ele que fez, só que não sou eu que vou dizer assim “foi”, não é? E depois, como vários aí, não é? Ele tem muita, pronto, muita escolaridade, ele deu-se ao luxo de enrolar pronto, o juiz, em vez de dizer que tinha dado fogo, não, andava apagando. Está a ver, é logo um... [riso]

Manuel Bivar: Mas isso do pôr fogo já começou há muito tempo, ele tinha isso desde miúdo? De andar a pôr fogo?

F: Não, isso foi depois da vida dele dar ali um... Separou-se da mulher e por aí afora, e depois aquilo tudo foi por aí afora.

Manuel Bivar: Descambou.

F: Sim, sim.

Sofia da Palma Rodrigues: E onde é que ele pegava fogo? Era aqui perto? Era em zonas...

F: Olhe, uma vez mais um bocadinho aqui por detrás dessas casas que eu tenho aí, foi por pouco que ele não andou aqui junto. Aqui, neste cerro aqui. Além onde ele tem a casa dele. Além foi mais que uma vez. Aqui na várzea.

Manuel Bivar: E ele punha, mas não era por querer vingar-se de alguém daquele terreno ou daquele, não era por aí?

F: Às vezes talvez, às vezes talvez. Às vezes talvez um bocadinho disso. Porque é assim... Mas eu não sou juiz, não sou médico, para afirmar uma coisa dessas, não é?

Sofia da Palma Rodrigues: Alguma vez teve essa conversa com ele? Porque o fogo? Porque é que ele põe fogo?

F: Eu, na minha maneira de ver, penso que é, sei lá, para reflectir alguma coisa. É o caso, ele agora tem outra aí na história. Ele agora presentemente anda ali assim, há qualquer coisa que não corre ali bem, ele liga para o INEM. Eu estou à espera de o INEM me fazer alguma pergunta como vocês me estão fazendo, não é?

Manuel Bivar: Mas ele gosta de ver, então, o INEM chegar? Ou seja, gosta de ver aquilo?

F: Pronto, lá está, é uma coisa que reflecte, não é, como o caso do fogo. É aquela... É assim.

[banda sonora]

Manuel Bivar: Já de noite, o irmão ligou-nos, que podíamos voltar para fazer a entrevista. O homem que procurávamos estava disposto a falar. E voltámos, àquele monte de casas aglomeradas, tudo gente da mesma família, com o grande redil das ovelhas ao lado. No escuro, cá fora, afastado da casa, ali estava ele à nossa espera. Dentro do pátio, ao longe, uma senhora com mais de 80 anos olhava-nos desconfiada. Era a mãe. E ali fora, sentados numas pedras, tivemos esta conversa.

G: Eu não sei o geral, falo por mim, que estive envolvido em vários casos e... a influência do álcool... Depois disso acontecer, eu próprio perguntava “porquê?”.

Eu bebia, conseguia beber grandes quantidades, e não andava a cambalear. Desde aguardentes, aguardente, aguardente, vinho ou cerveja. Normalmente, em todas essas situações... que aconteceram, eu tinha, já tinha estado ou no café ou tinha ido ao supermercado comprar. Tinha ingerido álcool.

Manuel Bivar: Mas, mesmo sob o efeito do álcool, lembra-se o que é que pensou quando foi mesmo para pôr fogo? O que é que lhe passou na cabeça naquele momento?

G: Não, depois... Depois é que... vi que não consigo apagar, fujo, e não tinha nada contra os proprietários dos sítios onde isso aconteceu – só se tivesse alguma desavença com algum dos proprietários podia ser vingança, mas não foi isso. Nem conheço os donos.

Manuel Bivar: Não se lembra sequer porque é que escolheu aquele sítio? Porque é que foi naquele sítio que lhe deu para isso?

G: Um dos... além junto à estrada, esse aí sei que estive a fazer um cigarro, o dinheiro era pou... o tabaco era pouco. E entretanto tinha duas ou três beatas de cigarros que eu não tinha fumado, e estive a fazer o cigarro. Aí, nem ao chegar lá ao fundo, quando eu vejo, vejo fogo aqui atrás. Continuei. Continuei, fui comprar o tabaco. Estava lá, quando chegou a GNR, houve alguém que passou por ali, cruzou... é que é uma situação mesmo para mim difícil.

Manuel Bivar: E lembra-se quando é que começou a pôr fogo? Ou já é uma coisa muito antiga?

G: Não, não é o caso de ser muito antigo. Isso foi no espaço de um ano e tal, dois, dois anos que isso aconteceu.

Manuel Bivar: E o que é que lhe deu para... O que é que lhe aconteceu para começar nessa...?

G: Ora isso começou a passar-se, a acontecer mais, a partir da separação. [pausa] Quando me separei da minha mulher... e inclusive dos meus filhos – agora já há quase um ano que eu não vejo nem um nem outro, e estão aqui próximo!

Manuel Bivar: E o tribunal, como é que foi? Foi mesmo a julgamento? Esteve em julgamento, como é que aquilo correu?

G: A defesa, a bem dizer, a advogada de defesa quase que não me ouviu antes de entrar lá na sala, como é que ela podia-me defender? Advogados de – como é que se chama?

Manuel Bivar: Oficiosos, não é?

G: Sim. Fui lá, depois respondi a duas ou três perguntas lá da doutora juíza. Uma pessoa vai-se sen... Sentar não, para falar com o doutor juiz tem que estar de pé, mas não... Muitas vezes ficam palavras por dizer, e diz-se algumas que não se deve dizer.

[banda sonora]

G: Eu estava a...

Manuel Bivar: A ver o que...

Sofia da Palma Rodrigues: A ver o que era...

G: A ver o que era, porque o homem está à minha espera para ir lá para o pé das ovelhas.

Manuel Bivar: E a conversa continuou, sobre o passado e o futuro. E uma vez mais, um relato marcado por um acidente – desta vez um divórcio – e pelo álcool. Até que alguém ao longe estava já um pouco impaciente e fazia sinais. Era hora de voltar para a *roulotte* na serra e ir dormir com as ovelhas, as zorras e os javalis.

Do Caldeirão seguimos para Monchique. De uma serra seca a outra muito mais húmida, passando por campos de painéis solares que faziam brilhar os montes. Em Monchique, por causa das brisas do mar, os eucaliptos crescem a uma velocidade estonteante. Nos últimos anos, aconteceram ali fogos terríveis e destruições incalculáveis. Na estrada, por todo o lado, viam-se eucaliptais ardidos e abandonados, que rebentaram depois de o fogo passar, e onde nunca mais ninguém fez nada. Quilómetros e quilómetros. E continuámos a subir a serra, parando em cafés, perguntando.

[som ambiente no interior de um café]

Sofia da Palma Rodrigues: Ui, isto está aqui uma barulheira.

H: Sabemos que o homem era um indivíduo equilibrado na vida, teve um problema monetário e ficou um bocadinho...

I: Psiquicamente não estava bem.

H: Com stress. Com stress. E levou a uma depressão e aconteceu o fogo. E toda a gente diz que...

J: Eu não acredito.

H: Eu sei onde é que foi o fogo, sei isso tudo. Aliás, sabemos todos. Num terreno inclusivamente dele.

Sofia da Palma Rodrigues: Ok...

H: E ele foi lá para fazer qualquer coisa – um assado, um petisco, uma coisa qualquer – e deixou fugir o fogo.

J: O terreno é dele.

H: E depois a GNR veio. Sabe que a GNR às vezes ou as entidades oficiais querem também... um coiso...

I: Querem encontrar um culpado. Foste tu!

H: E ele nessa altura já estava debilitado. Aquele é um homem com problemas.

Sofia da Palma Rodrigues: Tinha problemas, não é? De saúde...

I: O homem estava desequilibrado. Um coitado, não é?

H: Tinha uma vida boa e depois complicou-se a vida dele. E teve problemas.

Sofia da Palma Rodrigues: Pois...

I: Ele levou meses aí metido no mato com as moscas, cheio de feridas. Percebe? Não morreu por milagre.

Manuel Bivar: A viver no mato?

I: Não, ó pá... a pessoa sente que não está bem, mete-se para a serra, para a zona onde ele nasceu, onde ele morava, levou ali... não sei quantos dias, mas esteve semanas.

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: Esta coisa, a reacção que nós apanhámos ali...

Manuel Bivar: Mas ao mesmo tempo – isso é que eu continuo a achar graça –, até agora não vi uma reacção, no sítio donde a pessoa é...

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, sim...

Manuel Bivar: Não há uma reacção assim agressiva contra a pessoa. Há sempre uma compreensão do assunto. [pausa] Vou ligar ao comandante dos bombeiros, porque fiquei de lhe ligar perto das cinco, para combinar.

Manuel Bivar: Esta foi a primeira vez que entrámos num quartel dos bombeiros. Tínhamos combinado uma entrevista em Monchique com os comandantes Rui Lopes e António Águas. O objectivo era falar dos grandes incêndios que ali tinham acontecido e que fizeram arder grande parte da serra. Mas havia ainda um outro tema que queríamos abordar. E era quase impossível estar ali no quartel sem fazer a pergunta.

Manuel Bivar: Eu tenho uma pergunta um bocado perniciososa.

Sofia da Palma Rodrigues: Exacto, então é a mesma que eu tenho. Se calhar... Sim.

Manuel Bivar: Nós temos visto uma série de processos de tribunal, e não só tribunal – fizemos uma recolha das notícias todas de incendiariado que saíram nos jornais nos últimos anos. Um tema que aparece bastantes vezes é bombeiros incendiários, não é?

Rui Lopes: Nós tivemos, tivemos um caso aqui, o de 2003. Tivemos aqui, era um rapaz que era bombeiro. 2003.

Manuel Bivar: E foi ele que pôs o fogo de 2003?

Rui Lopes: Foi um dos. Foram aqueles dois que foram... E foi mesmo apanhado e cumpriu pena. Sete anos, salvo erro.

António Águas: Foi.

Sofia da Palma Rodrigues: Combateu com algum de vocês no terreno, o fogo?

Rui Lopes: Comigo, sim.

António Águas: Comigo também.

Rui Lopes: Ele esteve cá pouco tempo. Era um rapaz novinho.

António Águas: Há bombeiros que, entretanto, ou ficam descontentes por qualquer motivo terem saído do corpo de bombeiros – isto estou a falar na generalidade, não estou a justificar aqui a situação de Monchique. Ou são pessoas que entretanto têm ali assim algum défice a nível cognitivo, e entretanto são aliciadas por outras pessoas a provocar o incêndio... Acontecem “n” coisas. Há pessoas que são fascinadas pelo fogo e gostam de ver os carros dos bombeiros a circular, por qualquer motivo tiveram de se afastar dos bombeiros e gostam de ver aquele movimento, aquela... tudo o que se desenvolve num teatro de operações.

Rui Lopes: A vingança.

António Águas: Em São Brás de Alportel, acho que foi há uns anos, até foi provado em tribunal que um bombeiro também entretanto provocou um incêndio, ou vários incêndios, e perguntaram-lhe o porquê e ele disse que entretanto era, como o Comandante está a dizer, era vingança por o terem tirado dos bombeiros. Portanto, existem *n* situações.

Manuel Bivar: Depois da conversa com os comandantes, saímos de Monchique, e descemos a serra em direcção ao mar. Um dos processos de tribunal que tínhamos lido envolvia um ex-bombeiro. Um homem que aos 14 anos tinha fugido da escola para ingressar no quartel, e que anos mais tarde tinha sido apanhado a pôr vários fogos. A morada que estava no processo era numa dessas vilas já perto da costa, mas ainda com qualquer coisa de rural, e com antigas indústrias entretanto transformadas em centros de distribuição e logística. O ambiente daquele lugar era

um pouco estranho. Como se tudo estivesse desgarrado. Nem rural, nem urbano, nem propriamente industrial, mas cheio de grandes armazéns.

Manuel Bivar: Tocou?

Sofia da Palma Rodrigues: Tocou. [sussurro] É a mãe, é a mãe. Apareceu à janela.

Manuel Bivar: A pessoa que procurávamos já ali não morava. Depois da prisão tinha-se mudado para o campo. Foi com a mãe dele que falámos. Nós, do lado de fora do portão. Ela, dentro, sentada nuns degraus. Aparentemente calma. Mas sentia-se uma tensão, um estremecimento por dentro, difícil de descrever.

K: Isso é como tudo. Não é por gosto que se faz qualquer coisa. É como se... uma depressão, é igual. Há sempre coisas à volta que vão prejudicar o nosso sistema que temos, a máquina, há sempre. Por isso há sempre, há sempre o porquê, e chega-se a uma altura que não se sabe dizer qual foi o porquê. Coisas que passam naquela altura do momento. Tanto dá para fazer bem como pode dar para fazer mal. Olhe, eu, quando é para mim dá-me para fazer mal, a mim própria. As depressões para mim dá-me para fazer mal a mim própria. Por isso, as outras coisas acho que deve ser igual, que eu graças a Deus essa coisa não me passou pela cabeça, mas pronto. São tentações que passam, que a gente não pode dizer “eu não faço”, ou “eu não passo por elas”. Ninguém pode dizer nada. Por isso, é o que tenho a dizer.

[banda sonora]

Manuel Bivar: Sem grandes esperanças, deixámos o nosso número de telefone para o caso de o filho aceitar dar uma entrevista. E já de noite, já na estrada, o ex-bombeiro ligou-nos. Para nossa surpresa, queria falar.

L: Voltas à tua direita e segues pelo caminho sempre em frente, sempre por aí a fora, não voltas para mais lado nenhum.

Sofia da Palma Rodrigues: Ok, ok, ‘tá bom.

L: Ok?

Sofia da Palma Rodrigues: Daqui a, se calhar, cinco ou dez minutos estamos aí.

L: Ok, tudo bem.

Sofia da Palma Rodrigues: ‘Tá bom, até já então, obrigada.

L: Vá, até já.

Manuel Bivar: No fim de um longo caminho de terra batida chegámos a uma casa isolada e rodeada de muros. Lá dentro, um cão ladrava. E na várzea por detrás da casa, no escuro, os alcaravões piavam.

L: Fazemos se calhar isto aqui, porque eu tenho os cães aí.

Sofia da Palma Rodrigues: Ah, ok, ok.

Manuel Bivar: Está bem.

L: Tenho medo. Por isso é que eu vim ter com vocês aqui. E quando a minha mãe falou pensei que era... pensei que eram os elementos.

Sofia da Palma Rodrigues: O Manuel tem aqui ar de inspector da PJ, mas não é. [risos]

Manuel Bivar: Pois, as pessoas acham que eu sou da PJ mas eu não sou. [risos]

Sofia da Palma Rodrigues: [risos] É verdade.

L: É assim, a minha versão da história é, portanto, o ponto que eu vivi complicado, que é: eu tenho uma depressão e tenho que me tratar, senão fico maluco. Eu não, entendi que não era depressão que eu tinha e afinal ao longo do tempo, depois de ser tratado, de ver a situação, entendi que sim. Que apanhei uma depressão, tudo o que me corria mal eu tinha que entender que era mal e tinha que fazer mal para que despertasse a atenção do que eu estava a fazer. E a gente pensa “bom, o que é que eu vou fazer? Vou fazer mal”. Mas em vez de fazer mal aos outros fazia mal a mim, mas para tentar depois prejudicar alguém. E eu entendi, olha, vamos por esse caminho que é o melhor que eu tenho. Até que pronto, infelizmente, fui apanhado, pronto.

Sofia da Palma Rodrigues: Mas antes de ter sido apanhado já tinha feito... já tinha posto fogo noutros sítios antes? Porquê o fogo, não é? Porque eu acho que esta é uma pergunta que nos vem à cabeça, porque podemos fazer mal de outras maneiras.

L: Pronto, aí está aquilo que eu estava a dizer. Eu podia estar a fazer mal às pessoas, podia-me dar na cabeça de chegar e dar porrada, dar pau, pronto, andar a fazer mal. Ocorreu-me esta situação de, pronto, dar fogo, não sei porquê, na altura até fumava e... eh pá, vamos para aqui, pega-se no isqueiro e vamos embora. Deu-me para essa parte, não sei porquê, e depois quando me tratei indicaram-me que isso já era uma coisa que vinha de trás, agora não sei se os meus antepassados obrigaram-me a ter que fazer isso, se... o que é que sugeriu, não sei.

Sofia da Palma Rodrigues: Foi bombeiro também?

L: Sim.

Sofia da Palma Rodrigues: Durante muitos anos.

L: É verdade. Tenho 20 anos de trabalho sobre isso.

Sofia da Palma Rodrigues: A sua mãe contou-nos que com 14 anos, não é, que começou como bombeiro. Lembra-se, nessa altura, porquê ser bombeiro?

L: Foi um sonho... A situação que me levou foi tudo por causa do meu pai, ele já era, e depois deu-me aquela situação de querer ajudar o próximo, tanto que eu muitas das vezes estava na escola e abalava da escola e ia para os bombeiros quando ouvia tocar a sirene, para ir para ao pé deles, saber o que é que se passava, pronto. E a partir daí, comecei-me a integrar com eles... e dizer, olha, fui um soldado da paz em que fiz isto, fiz aquilo, corri muito e cheguei aqui, o esforço foi muito bom para isso. E foi essa situação que me ocorreu, só que depois a partir daí outras coisas vieram e deitei tudo a perder.

Manuel Bivar: E mais uma vez, falámos das vicissitudes da vida. De uma separação. Do não poder ver os filhos. Do álcool a que se foi entregando cada vez mais. Do desatar a pôr fogo. Do reconstruir a vida depois da prisão, das dificuldades de arranjar trabalho com cadastro, e de um Algarve que não oferece grandes oportunidades a quem lá vive o ano inteiro.

L: Mas isto como o Algarve só presta para virem passar férias, não presta para fazerem mais nada. E eu...

Sofia da Palma Rodrigues: Não há trabalho, tem dificuldade em encontrar trabalho?

L: Tenho. Aliás, tenho derivado a isto. Porque a maior parte das empresas que eu possa trabalhar, que eu já trabalhei ali numa, eles pedem registo criminal e eu registo criminal não posso. Por isso estou com a minha esposa nas limpezas, mas de Verão só se faz limpezas.

Sofia da Palma Rodrigues: Pois.

L: De Inverno não temos nada, só de Verão, a partir agora de Março, vai começar a abrir, mas...Tsc, não é nada.

Manuel Bivar: Tem vários meses sem nada, não é?

L: É.

Manuel Bivar: Mas havia ainda qualquer coisa sobre o assunto dos bombeiros que parecia não ter sido contada até ao fim.

Manuel Bivar: Nos bombeiros, o que é que lhe fizeram?

L: Ahhh... Dos bombeiros é uma situação um bocado crítica, que... Eu, na altura não sabiam de nada, suspeitaram que eu tinha uma doença má e pegaram nos colchões da cama e tiraram tudo e queimaram, que eu não

podia estar com ninguém nem ter contacto com ninguém. A partir daí, foi: proibiram-me de fazer viagens de longo curso, pronto, o comandante entrou numa situação comigo, que não me queria em nada. Fui posto de parte, foi como se fosse uma pessoa que já não existisse naquele corpo de bombeiros, e fiquei muito chateado com isso. E deu-me a entender para fazer mal. Castigá-los para isso, mas não estava a castigá-los a eles. Estava sim a castigar outras pessoas.

Sofia da Palma Rodrigues: Era um acto de vingança quase?

L: Sim. Isso mesmo.

Manuel Bivar: Em todas as conversas no Algarve acabávamos a falar de vingança. Não tanto como uma motivação em si, mas mais como um alvo que facilita o pôr fogo. Tal como o álcool, que em todas as histórias que ouvimos é o que leva à desgraça, e também aquilo que dá coragem no derradeiro momento em que se decide pôr tudo a arder.

Mas havia ainda uma dúvida, uma curiosidade que nos acompanhou em todas essas entrevistas.

Sofia da Palma Rodrigues: Eu tenho mais uma pergunta, é a minha última pergunta, que é: eu fico sempre surpreendida porque é que as pessoas aceitam contar a sua história. Porque não nos conhecia de lado nenhum e mesmo assim, é uma história delicada, o que é que o levou a aceitar contar aquilo por que passou?

L: O que me levou a aceitar? É assim, como houve a situação de eu ter feito o que fiz, na altura.... O que é que eu lhe hei-de explicar? Que algum dia iria-me aparecer alguém para eu contar o que se passou. Prefiro que fique uma informação boa daquilo que eu fiz de mal, para que os outros entendam que se nós temos uma depressão, que é aquilo que eu não entendi que tinha [...]

Manuel Bivar: Se há coisa que nos surpreendeu no nosso périplo pela serra algarvia, foi a facilidade com que as pessoas contaram as suas histórias. E talvez essa vontade de contar se ligue ao próprio acto de pôr fogo. Comum a todos os casos que ouvimos neste episódio: vidas destruídas. Mas não é apenas isto. Nas pessoas com quem falámos, vimos no pôr fogo um gesto desesperado por não desaparecer. Para dizer: posso estar estropeado, mas ainda estou aqui.

[banda sonora]

Manuel Bivar: Quando terminámos o guião deste episódio, em Julho de 2024, passavam 2380 anos desde que ardeu o templo de Artemísia em Éfeso, uma das

sete maravilhas do mundo. O autor do incêndio, Heróstrato, foi apanhado, e sob tortura confessou. Também a ele perguntaram “porquê?”. Porque puxou fogo ao templo da deusa da caça e dos animais selvagens? O templo mais belo de toda a Grécia Antiga. E Heróstrato respondeu que queria a celebridade a todo o custo e que não tinha outro meio de a obter que não fosse o puxar fogo ao templo.

Os efésios, enraivecidos, interditaram para sempre que o nome de Heróstrato fosse pronunciado. Mas não tiveram grande sorte, e aqui estamos hoje, mais de 2000 anos depois a dar o seu nome a um episódio de um podcast, enquanto do arquitecto que desenhou o templo ninguém se lembra do nome. Mas a verdade é que nada sabemos da vida de Heróstrato. E talvez a versão que tivesse para contar não fosse tão simples como a que ficou na história – a de um ser que simplesmente queria fama – e que deu nome até a um desses complexos da psicanálise. Quem sabe, se o pudéssemos ouvir, o relato fosse parecido com o das pessoas que entrevistámos na Serra Algarvia: uma vida que não correu bem e a quem resta um último gesto desesperado para não desaparecer.

Como dizia um dos acórdãos que lemos no tribunal: “De forma a chamar a atenção da vizinhança para a sua tristeza, desesperança, inconformismo e revolta, o arguido puxou fogo”.

No próximo episódio de **“País de Incendiários”** percorremos as montanhas entre o Tejo e o Douro, a região do país onde mais há incendiários. Vamos também ouvir a única pessoa que em Portugal estudou o incêndiarismo com alguma profundidade.

Cristina Soeiro: Olhe, eu estudo isto desde 1997. Realmente, de 1997 para agora, às tantas houve anos – 2013, 2017 –, foi a loucura, não é? Quer dizer, o que é que se passa aqui? Parecia que nós éramos um país de incendiários, de pirómanos, e de facto nem a piromania surge aqui como uma variável explicativa do fenómeno. Portanto, isto é mais complexo do que isso, não é.

[jingle]

Manuel Bivar: “**País de Incendiários**” é um podcast de investigação produzido pela revista DIVERGENTE. Se quiser saber mais detalhes pode consultar o site em divergente.pt/paisdeincendiarios

A pesquisa, as entrevistas e o guião são de Manuel Bivar e Sofia da Palma Rodrigues, a edição de Diogo Cardoso, Luciana Maruta e Pedro Miguel Santos, a montagem de Inês Sambas, a banda sonora de Henrique Silva e Zé Cruz, a edição e mistura de som de Luís Pinto, as ilustrações de Nogueira Lopes, o design de José Mendes, os gráficos interactivos de Beatriz Malveiro e Rita Costa, a animação gráfica de Pedro Lopes, o desenvolvimento web de Manuel Almeida, a revisão de

Pais de Incendiários

Um podcast de investigação
da revista Divergente

texto de Teresa Montenegro, a consultoria de imagem de Ricardo Venâncio Lopes, a produção de Ana Pereira e a comunicação de Beatriz Walviessa Dias. A gravação de voz foi feita no estúdio do Fumaça, um podcast de jornalismo de investigação.

Até breve.

[fim do *jingle*]